

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
DISCIPLINA: “HISTÓRIA DO RENASCIMENTO”
PROFESSOR: LUIZ CARLOS SOARES
ALUNO: EVANDRO DE OLIVEIRA MACHADO

Só existe 1(um) passado... As análises sobre ele nunca foram pacíficas e, provavelmente, nunca serão. Mas nem toda leitura sobre os fatos tem valor científico desde que portadora de uma suposta coerência lógica. Tal concepção é pura bazófia!

Portanto, pretendo demonstrar que a história “oficial” do Renascimento, aquela dos livros didáticos, é tudo, menos História. É *memória coletiva* de uma classe social e, como tal, naturalmente que seletiva e “enquadrada”. Uma representação do passado, ao tempo do Iluminismo, que acabou permanecendo por inércia, talvez, na historiografia Ocidental, impunemente.

Já é hora de se fazer justiça...

SOBRE OS MARCOS INICIAIS DO “RENASCIMENTO”

*Toda historiografia de comerciantes,
industriais e banqueiros sempre foi uma farsa.
Evandro Machado.*

A escolha de marcos cronológicos, sabemos, é tão-somente para facilitar a análise do – isto sim! – *processo histórico*. Se a referência é o econômico, os cortes são uns; se é o militar, outros. Aqui discutiremos as referências ligadas ao campo ideológico, sobretudo porque é recorrente a afirmação de que o “Renascimento” teria sido – na sua essência – o ressurgimento do pensamento racional, abafado, sufocado, enjaulado nos cárceres da Igreja Romana, mas não só por ela.

O *Mercado*, esse espectro de carne e osso que nos assombra a todos diariamente, teria sido o nosso super-herói, o responsável pelo renascimento do comércio e, com o comércio, das cidades; e no vácuo do comércio de mercadorias, o intercâmbio de idéias, de tecnologias, o enriquecimento cultural cosmopolita e – finalmente! – o renascimento do pensamento racional, liberto de preconceitos religiosos, o responsável pela posterior Revolução Científica

do século XVII, e por aí vai... Tudo graças ao motor inicial, o *Mercado*. A humanidade – só a Ocidental – teria então dias mais *iluminados* pela frente. Vejamos.

“Chamamos *Renascimento*, ou *Renascença*, à renovação cultural que teve início na península Itálica a partir do século XIV. **Sob a influência da cultura greco-romana**, esse movimento influenciou as artes, a literatura, a ciência e a filosofia, difundindo-se por várias regiões da Europa.

Os participantes dessa renovação – os renascentistas – **rejeitaram a cultura medieval, presa aos padrões definidos pela Igreja Católica**, e passaram a defender e explorar a diversidade de idéias **e o espírito crítico**.

Com sua afirmação do **individualismo e do racionalismo, valores supremos da modernidade**, o Renascimento situa-se na transição da sociedade feudal **para a sociedade burguesa**, na passagem da Idade Média para a Idade Moderna.”¹

Agora, estudaremos um pouco o pensamento de Tomás de Aquino (1225-1274) para, em seguida, compará-lo com o trecho do livro didático supracitado.

O RACIONALISMO DE SÃO TOMÁS DE AQUINO

*“Não é o pensamento que pensa,
mas um homem por meio do seu pensamento.”
Tomás de Aquino.”*²

Para São Tomás de Aquino, a fé estaria hierarquicamente numa posição sempre superior à razão. No entanto, temos aqui algo de revolucionário. Sem exageros, algo de

¹ FIGUEIRA, Divalte Garcia, *História, Série Novo Ensino Médio*, Volume Único, Ática, São Paulo, 2005, p. 101. Grifos meus. Trata-se de excelente livro didático, mas como todo livro didático, impossível não apresentar, neste caso – a meu ver – infelicidades.

² RASSAM, Joseph, *Tomás de Aquino*, Edições 70, Lisboa, 1969, p. 14.

subversivo nesta nova forma de perceber a relação fé/razão. Se antes existia apenas a fé, auto-suficiente, agora surge um personagem, uma categoria, um ente – que parecia nunca ter existido – que dá novo significado ao próprio conceito de fé: surge a **Razão**.

A fé é inabalável pela razão, mas “não é um impulso cego da sensibilidade”.³ Há de se ter razão. “O papel da razão humana no ensino sagrado não é provar as verdades da fé, pois a fé perderia nessa altura todo o mérito, mas explicar o conteúdo desse ensino”.⁴

Ao surgir, ou melhor, ao ressurgir, ou melhor ainda!, ao *renascer* a razão, *renasce* o pensamento científico, ainda que na estratificação estivesse abaixo da fé. E não estamos no XV ou XVI: estamos no século XIII...

AQUINO promoveu o matrimônio entre a fé e a razão, separadas há muito pelas “intrigas” teológicas de Santo Agostinho. Desde então, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, fé e razão deveriam marchar juntas de mãos dadas – firmemente: “A fé é para a razão, diz S. Tomas, aquilo que a graça é para a natureza; não a destrói, aperfeiçoa-a.”⁵

Embora a fé seja concebida como superior à razão, esta é indispensável àquela. “A fé, diz ainda S. Tomás, pressupõe o conhecimento natural, como a graça pressupõe a natureza, e a perfeição o perfectível.”⁶ Aquino foi um *materialista* à sua maneira: “Não há conhecimento sobrenatural sem evidência natural.”⁷ Mas a fé está sempre em primeiro lugar.⁸

Ora, então onde?! ou como?! poderíamos encaixar a razão nesse processo de conhecimento religioso? É São Tomás quem nos explica: “(...) a fé implica **a adesão da inteligência** àquilo em que se acredita.”⁹ Puro racionalismo? Creio que sim... É bom que seja dito: não é preciso ser ateu para ser racionalista. Que o diga Charles Darwin.¹⁰ Dito de outra

³ Idem, p. 20.

⁴ Ibidem, pp. 20-21.

⁵ Ibidem, p. 21.

⁶ Ibidem.

⁷ Ibidem, p. 22.

⁸ “(...) [palavras de S. Tomás] há mais certeza naquilo que o homem recebe quando escuta Deus, que não pode enganar-se, do que naquilo que ele vê pela sua própria razão, que está sujeita ao erro.” Ibidem, p. 23.

⁹ Ibidem. Grifos meus.

¹⁰ “No que se refere à parte íntima de meu ser, creio ter agido bem empenhando-me constante e decididamente no estudo da Ciência, ao qual dediquei toda a minha vida. Não sinto remorso de haver cometido pecado grave algum, mas sim o pesar de não ter feito maior bem ao próximo. [§] **Quanto aos meus sentimentos religiosos**, acerca dos quais tantas vezes me têm perguntado, considero-os como assunto que a ninguém possa interessar senão a mim mesmo. Posso adiantar, porém, que **não me parece haver qualquer incompatibilidade entre a aceitação da teoria evolucionista e a crença em Deus**. [§] Ao final, gostaria de encerrar com esta afirmação: **Sistematicamente, evito colocar meu pensamento na religião quando trato de Ciência**, assim como o faço

forma, não se pode tomar **exclusivamente** em conta para se medir o grau de racionalismo de tal ou qual pensamento a distância do religioso (quanto mais próximo do religioso, mais distante do racional e vice-versa). Menos ainda na Baixa Idade Média. Fazê-lo seria puro anacronismo.¹¹

RASSAM nos explica didaticamente a relação de S. Tomás, um homem de fé, com a razão:

“O mérito do tomismo é manter assim, entre a fé e a razão, uma distinção sem separação e uma união sem confusão. Nem a fé está subordinada à razão, **nem a razão é anexada pela fé**, e, no entanto, elas vivem uma da outra e realizam-se numa promoção mútua em que, por um respeito recíproco, cada uma encontrando o seu acordo com a outra, se encontra a si mesma. O tomismo caracteriza-se pela confiança inabalável no acordo entre a verdade terrestre evidenciada pela razão e a verdade de fé recebida pela revelação.”¹²

Uma das verdades *terrestres* mais importantes para S. Tomás é a constatação – nos dada pela razão – de que *as coisas existem*. Por isso, *o ser é o primeiro conhecido*. É visível a influência de Aristóteles segundo o qual seria preciso, para se chegar à verdade, começar pela *físis*. “É preciso voltar sempre ao ser, [dizia Aquino] primeiro conhecido. Pois aquilo que é real não é nem a existência nem a essência, mas o ser.”¹³ Temos também aqui a idéia de totalidade de Aristóteles: a existência, a essência, a aparência (diria eu), tudo é parte de um todo; existem sim, enquanto dimensões do ser.

em relação à moral, quando trato de assuntos referentes à Sociedade.” DARWIN, Charles, *Origem das Espécies*, Itatiaia Ltda. (USP), São Paulo, 1985, p. 29. Notas autobiográficas escritas em 1881. Grifos meus.

¹¹ Nem toda religião é “religiosa”. Muito interessante é a expressão “religião laica” que o professor Daniel Aarão utiliza para adjectivar o comunismo ortodoxo. Faz sentido, embora estranha e jamais adequada ao marxismo de Marx/Engels.

¹² RASSAM, op. cit., p. 24, grifos meus.

¹³ *Ibidem*, p. 35.

Existe um ser que existe, independentemente e fora da nossa consciência, assim nos diria Lênin... Não, S. Tomás não chegou à categoria “realidade objetiva” tal como a conceberam os materialistas, mas, ousaria dizer, quase...

Seja como for, o ser é o primeiro conhecido. Como conhecê-lo? Com a ajuda da razão. O importante aqui é notar que há uma inversão de pauta, digamos assim, uma inversão na ordem dos termos. Não é Deus o primeiro a ser conhecido; é o *ser* o primeiro. Um pequeno detalhe, aparentemente casual, mas que constitui uma ruptura com o pensamento medieval clássico que entendia o contrário, ou seja: primeiro as Escrituras; depois o resto. Como filósofo – não como teólogo – nos diria (e disse) o nosso S. Tomás: “O filósofo extrai os seus argumentos das causas próprias das coisas... [Puro realismo! Reconheceria a “coisa em si”, a “realidade objetiva”? É intrigante... Não há dúvidas de que S. Tomás não desconhecia, nos seus traços gerais, o materialismo grego] Pois, no ensinamento filosófico, em que se consideram as criaturas **em si próprias** [grifo meu] e a partir dos quais se chega ao conhecimento de Deus, a atenção fixa-se em primeiro lugar nas criaturas e finalmente em Deus”.¹⁴

Seguramente, no pensamento tomista, a razão tem plena liberdade para atuar. Vale dizer: a razão e a sua amiga inseparável – a ciência – caminharam juntas no pensamento dos tomistas. Que digam os notáveis progressos científicos, nos campos mais variados do saber, dos jesuítas.¹⁵

De fato, o *deísmo*¹⁶, quer dizer, a aceitação da efetiva existência do mundo (graças a Deus), possibilita a investigação deste mundo por um prisma diferente do puramente teológico. Existe um mundo natural, criado por Deus, que possui seus próprios mecanismos de comportamento, de funcionamento (a busca de *leis* apareceria bem depois, não nesta época) que podem ser conhecidos pelo homem. Conhecendo o mundo, conhece-se Deus. É o que podemos inferir dessas afirmações de S. Tomás: “Todo o cognoscente conhece

¹⁴ Ibidem, p. 37.

¹⁵ Para um estudo sobre a história da Companhia de Jesus, ver: LACOUTURE, Jean. *Os Jesuítas I. A Conquista*, Estampa, Lisboa, 1993; WRIGHT, Jonathan, *OS JESUÍTAS – MISSÕES, MITOS E HISTÓRIAS*, Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2006.

¹⁶ “Deísmo (de.ís.mo) *s.m. Teol.* Doutrina religiosa segundo a qual Deus, depois de criar o mundo, permanece distante, sem interferir na Natureza e nos acontecimentos universais.” Dicionário Enciclopédico Ilustrado, Visor do Brasil Ltda., Impresso na Argentina, 2005, p. 319.

implicitamente Deus através de qualquer objeto conhecido.”¹⁷ “Resulta do que foi dito (...) que a doutrina da fé cristã implica a atenção às criaturas, porque as criaturas são à imagem de Deus e que um erro acerca delas implica um erro acerca de Deus.”¹⁸

Finalmente, não poderíamos deixar de apresentar a visão de Aquino sobre o livre-arbítrio (negação da predestinação de Santo Agostinho). Antes, porém, é bom lembrar que o livre-arbítrio não é um fenômeno coletivo, uma decisão coletiva. O livre-arbítrio é um produto do *indivíduo* (não poderíamos ver aqui o surgimento – já no século XIII – do *individualismo*?...). E para que ele ocorra, opera a razão. Eis que temos aqui mais uma das características atribuídas à “renascença” dos séculos XV e XVI, a saber: o homem não mais – como pensava Santo Agostinho – um simples objeto do conhecimento, revelado por Deus ao seu sabor, mas o homem como **sujeito do conhecimento**.

Diz Aquino:

“O homem é livre: caso contrário, conselhos, exortações, preceitos, proibições, recompensas e castigos seriam vãos. Para pôr em evidência essa liberdade, deve-se observar que certos seres agem sem discernimento, como a pedra que cai, e sucede assim com todos os seres privados de conhecimento. Outros, como os animais, agem por um discernimento, mas que não é livre. Vendo o lobo, a ovelha considera bom fugir, mas por um discernimento natural e não livre, pois esse discernimento é a expressão dum instinto natural e não duma operação sintética. O mesmo sucede com todo o discernimento nos animais.

Mas o homem age por juízo, pois é pelo poder de conhecer que ele considera dever abandonar ou prosseguir uma coisa. E como um tal juízo não é o efeito dum instinto natural, mas um acto de síntese que procede da razão, o homem age por um juízo livre que o torna capaz de diversificar a sua acção. Com efeito, face àquilo que é contingente, a razão pode fazer coisas

¹⁷ RASSAM, op. cit., p. 43.

¹⁸ Idem, p. 66.

opostas, como o provam os argumentos dos dialéticos e os raciocínios dos retóricos. Ora, as acções particulares são contingentes e o juízo racional pode apreciá-las diversamente e não está limitado a um único ponto de vista. **Por conseqüência, é necessário que o homem seja dotado de liberdade, pelo facto precisamente de que é dotado de razão.**”¹⁹

A razão humana que permite a escolha (o livre-arbítrio) do indivíduo... Caramba! Não estaríamos falando aqui de Renascimento?! O homem no centro das preocupações tomistas... Caramba! Não estaríamos tratando do Humanismo Renascentista?!...

Não é difícil imaginar a motivação que as novas concepções de Aquino deram aos religiosos cristãos para desenvolverem seus conhecimentos científicos. Conhecer – com a utilização da razão – o mundo natural, e para quê? Para melhor conhecer Deus. Para AQUINO, como já foi citado, *“Todo o cognoscente conhece implicitamente Deus através de qualquer objeto conhecido”*.

Temos agora a força da fé – “removendo montanhas” – em busca do conhecimento científico. Veremos, adiante, o reflexo disso no progresso científico dos jesuítas, citados aqui apenas como exemplo.

... x ...

O trecho do livro citado afirma que a renovação cultural se dá a partir do século XIV, sob a influência da cultura greco-romana. Aquino morre em 1274. Aquino foi fortemente influenciado pela cultura greco-romana (Aristóteles). Que os renascentistas “rejeitaram a cultura medieval, presa aos padrões definidos pela Igreja Católica [seria justo quanto aos agostinianos mas um grande equívoco quanto aos tomistas] e passaram a defender e explorar a diversidade de idéias e o espírito crítico.” Não foram os primeiros. “Com sua afirmação do individualismo e do racionalismo, valores supremos da modernidade (...).” Sem querer ser chato e repetitivo, mas não foram os primeiros.

E assim, o Renascimento do XV-XVI teria sido um passo importantíssimo, mas não – ainda não – uma ruptura com o passado medieval. Digamos que teria preparado o terreno

¹⁹ Ibidem, pp. 86-87. Grifos meus.

para o grande salto do século XVII, com Galileu Galilei (1564-1642) e René Descartes (1596-1650).

A escolástica, o tomismo, a Igreja e etc., estas forças do atraso teriam sido derrotadas e jogadas no lixo da História, pelo menos no campo das idéias. E no XVIII, aquilo que existia em *potência* no XV-XVI explode, dando luz à Razão, o que se resolveu chamar de Iluminismo, a valorização da ciência e da racionalidade.

Ocorre que em 1540 a Companhia de Jesus é formalmente fundada. O bastão do tomismo lhe é passado para que continue seu caminhar. Extinta em 1773, estudar as razões da sua expulsão do Brasil em 1754, de Portugal em 1759, da França em 1764, da Espanha e de suas missões na América em 1767, de Parma em 1768, da sua incompatibilidade com o projeto colonial europeu (nada racional), as críticas e oposição de Voltaire, dos jansenianos – que faziam coro com os protestantes – defensores da predestinação, e etc.; enfim, não caberia aqui tal discussão, mas vale citar alguns comentários para uma reflexão desprovida de preconceitos.

OS JESUÍTAS E O ILUMINISMO

“(…) os jesuítas do tempo da Enciclopédia (…) são portadores de uma mensagem muito mais próxima da dos <<filósofos>> e do mundo erudito do que dos seus adversários mais obstinados, os jansenistas de Paris e os esbirros de Lisboa. Numa obra recente, René Pillorget destaca o caráter <<deísta>> do ensino jesuíta do século XVIII (…). Baseando-se em pesquisas do seu colega Jean de Viguerie, faz notar que a maioria dos <<filósofos>> é formada pelos colégios dos <<pais>>, onde se destacam as lições de Malebranche ou do Padre Mersenne, das quais se infere uma religião <<natural>> que pouco deve à Revelação.”²⁰

“Em primeiro lugar, a noção de um movimento unificado do Iluminismo de ódio aos padres, *à la française*, presta um grande desserviço à rica variedade de “iluminismos” nacionais, muitos dos quais não podem ser pensados de maneira sensata como anticlericais. Além disso, a vasta maioria da população europeia permaneceu indiferente às idéias da moda

²⁰ LACOUTURE, op.cit., p. 480.

que circulavam pelos salões parisienses e vienenses, ou mesmo não tomou conhecimento delas, e se manteve firmemente enraizada a uma noção de um Deus providencial e intervencionista. (...) [§] Mas fundamentalmente, **fosse o que fosse o Iluminismo, não é válido interpretá-lo como representante de um século XVIII definido como um perfeito cisma entre o racionalismo de vanguarda e uma fé religiosa moribunda.** Estudos recentes lembram-nos de forma proveitosa de que todos esses *philosophes* que tinham ódio ao clero (alguns dos quais vinham a ser *philosophes* que participavam do sacramento) compartilhavam uma visão de mundo, uma fonte de imagística e retórica e um método intelectual muito influenciado por um passado cristão (...). Enquanto isso, muitos clérigos (às vezes alguns jesuítas incluídos) defendiam fervorosamente as tão afamadas teorias de Newton, Wolff ou Leibniz e estavam felizes em empregar as obsessões filosóficas e científicas de sua era e em defender e revitalizar a cristandade. [§] Os jesuítas, é claro, valorizavam um iluminismo da fé (em última análise, como há muito havia dito Juan Polanco, “uma luz melhor do que a razão humana”) e recuavam num excesso de confiança nas faculdades racionais do homem (...). **O abismo entre o que os jesuítas e o Iluminismo supostamente defendiam pode ser exagerado com facilidade,** o que nos leva de volta afinal àqueles dois tipos de luz: a luz da razão e a luz da fé, a era do Iluminismo representando uma e os jesuítas representando a outra: **inimigos implacáveis. Uma dicotomia perfeita, certamente, mas com uma orientação meio equivocada.**”²¹

“Com todas as diferenças entre a perspectiva da Companhia e a inclinação anticlerical de algumas figuras do Iluminismo, suas visões de mundo às vezes podiam ser incrivelmente similares. **Uma visão otimista das capacidades da humanidade, uma ênfase vigorosa no livre-arbítrio dos homens, uma fé inabalável no poder transformador da educação: tais características são freqüentemente apresentadas como um resumo do projeto do Iluminismo, mas também lembram muito o dos jesuítas.**”²²

CONTRIBUIÇÕES CIENTÍFICAS DOS JESUÍTAS

“Tabelas dos satélites de Júpiter, telescópios, livros sobre botânica e anatomia, cartas de navegação, dois quadrantes, três grandes pêndulos, um quadrante equinocial, espelhos

²¹ WRIGHT, op.cit., pp.191-192, grifos meus.

²² Idem, p. 193, grifos meus.

ustórios de 12 polegadas e 20 polegadas, imãs, microscópios, termômetros, barômetros e “todos os tubos e máquinas que servem para fazer experimentos com a vacuidade”. Uma carga um tanto apropriada para os sete homens que ostentavam o título de matemáticos do Rei nas Índias e na China, enviados à Ásia por Luís XIV em 1685 e que foram aceitos como membros especiais da Real Academia das Ciências. Uma de suas principais atribuições era continuar o esforço de “corrigir os mapas geográficos, facilitar a navegação e elevar a astronomia até a perfeição”, “observar em suas viagens pelo mar e pela terra as longitudes dos principais locais, as declinações e variações da agulha e tudo o que pode servir para ajustar as nossas cartas de navegação.”²³

Eram jesuítas. “Eram também homens de ampla curiosidade, que observavam o céu noturno e corrigiam suas cartas estelares a cada oportunidade, homens que dissecavam tubarões, ficavam maravilhados diante de tartarugas enormes e tufões, e, quando lhes era concedida a oportunidade de examinar um boto, não se furtavam a introduzir as mãos em suas entranhas para confirmar de que se tratava de uma criatura de sangue quente.”²⁴ Os jesuítas dominavam um novo método de Giovanni Cassini para calcular longitude por meio dos satélites de Júpiter.

Maximilian Hell

Diretor do observatório na Universidade de Viena desde 1756, estava acima do Círculo Polar Ártico em 1769, para observar o trânsito do planeta Vênus cruzando a superfície do Sol. Objetivo: calcular a distância entre a Terra e o Sol. O valor aceito atualmente difere menos de um por cento do calculado por ele.

“Inimigos da Companhia, coisa que não faltava na década de sessenta do século XVIII, afirmaram que ele havia falsificado seus cálculos. (...) em 1835, Carl Ludwig Littrow encontrou o diário astronômico de Hell em Viena e alegou ser capaz de identificar rasuras e alterações flagrantes. Era a trapaça jesuíta, sugeriu-se, estendida inclusive ao sagrado mundo da ciência. Passaram-se cinquenta anos até que Hell fosse vingado graças à intervenção de Simon Newcomb. Segundo o astrônomo, enquanto muito provavelmente havia trechos

²³ Ibidem, p.194.

²⁴ Ibidem, pp. 194-195.

apagados e correções no diário, essas modificações haviam sido feitas, de boa-fé, na ocasião; Hell vinha, de fato, perseguindo a exatidão”.²⁵

RUDJER BOSCOVICH

Em 15.01.1761, foi eleito para a Royal Society de Londres, por seus conhecimentos em astronomia e outras áreas da filosofia natural, diziam na época.

“Como astrônomo, havia calculado o diâmetro do Sol, observando o trânsito de Mercúrio em 1736 e, em 1748, supervisionado uma observação de eclipse solar no Colégio Romano dos Jesuítas, na presença de três cardeais, 50 prelados e alguns príncipes. Fez contribuições para a hidráulica, geometria e matemática das probabilidades; **ajudou a convencer Bento XIV a remover Copérnico do Índice** e ainda supervisionou a drenagem dos pântanos pontinos. (...) **É notória a influência exercida por ele sobre expoentes científicos como Faraday, Kelvin e Clerk Maxwell e sua avançada teoria atômica foi vista como precursora da teoria do campo moderno e da mecânica quântica.**”²⁶

Existe uma cratera na Lua que tem o seu nome em sua homenagem.

CHRISTOPH CLAVIUS

Supervisiona a mudança para o calendário gregoriano em 1582. “(...) casas jesuítas pela Europa foram apedrejadas por multidões que culpavam a Companhia pelos dez dias “roubados” deles em nome de uma exatidão astronômica”.²⁷

Clavius se correspondia com Galileu amigavelmente.

... x ...

Poderíamos continuar com tantos outros exemplos, mas desnecessário se faz.

Os jesuítas contribuíram para o desenvolvimento do relógio de pêndulo, dos pantógrafos, barômetros, telescópios e microscópios refletores. Estudaram o magnetismo, a ótica, a eletricidade. Teorizaram sobre a circulação sangüínea, independentemente de Harvey. Teorizaram sobre a possibilidade do vôo, sobre a influência da lua nas marés, a

²⁵ Ibidem, p. 196.

²⁶ Ibidem, p. 197. Grifos meus.

²⁷ Ibidem, p. 198. Creio que a diferença é de treze dias, mas tudo bem.

natureza ondulatória da luz. Foram os jesuítas que introduziram os sinais de mais e menos na matemática italiana, e etc. etc. etc.

Cientistas influentes como Fermat, Huygens, Leibniz e Newton se correspondiam naturalmente com os jesuítas.

Enfim, é preconceito pensar que o sentimento religioso, seja ele qual for, é incompatível com o pensamento científico, inimigo mortal da Ciência, assim como ingênuo o contrário, ou seja: que o ateu ou laico seria um amigo natural do desenvolvimento científico, da razão.

CONCLUSÃO

A Igreja Católica também foi atingida pelos ventos fortes da secularização. O pensamento de São Tomás de Aquino que o diga. Mas o problema não reside em se saber quem mais ou quem menos foi secularizado. A questão, a grande questão! é se o uso da secularização como instrumento de medida para a avaliação do grau de renovação (ou “renascimento”) de qualquer época, em determinado lugar, no plano das idéias, é adequado. Creio que não é. A julgar pelo presente debate, não esclarece, confunde.

O evolucionismo de Darwin foi usado para explicar a inexistência de Deus, e os materialistas encontraram nele uma teoria segura para a demolição do mito do paraíso cristão (Adão e Eva). Darwin, como vimos, era religioso. Ora, os mitos também são ateus! O racionalismo europeu do XIX foi capaz de criar teorias antropológicas absurdas para tão-somente justificar o domínio, a ocupação, a submissão, a exploração desavergonhada do continente africano. A literatura sobre os jesuítas não é pacífica sobre a questão de se o negro tinha ou não alma. Não poderemos discutir isso aqui. Mas não foi o pensamento religioso quem inventou o *racismo*. Se considerarmos o século XIX como um prolongamento das “luzes” do XVIII, o *racismo* foi um produto do racionalismo laico, da ciência laica, da razão laica, da secularização...²⁸ De uma mesma fonte podemos beber diferentes águas. O Iluminismo também nos deu frutos nutritivos. O marxismo foi o melhor deles. Todavia, não

²⁸ Nos ensina a dialética marxista que algo só existe porque existe o seu contrário. Podemos, então, afirmar que onde há “luz”, seguramente, há “trevas”.

por culpa de Marx, do marxismo (dogmático e mecanicista) conheceríamos o “racionalismo laico” de Stálin.

Ao expor todas estas contradições, o leitor pode estar se perguntando até onde quero chegar com tudo isso. Pois bem, quero dizer que:

1 – os cortes cronológicos ou temáticos, ou quaisquer outros cortes que se queira fazer no processo de análise histórica, ainda que um mal necessário, são sempre problemáticos, perigosos e muitas vezes injustos.²⁹ Os esquemas são sempre limitados, imperfeitos, e quase sempre incluem quem deveria estar fora e excluem quem deveria estar dentro. É o que se vê na concepção de “Renascimento” no XV/XVI. Vale dizer que “renascimento” é uma expressão do XVIII. Os seus contemporâneos falavam em “renovação”, o que é bem diferente; e não viam o passado como um milênio de escuridão;

2 - que os cortes, os esquemas, enfim, as classificações são válidas como método para a análise desde que sejam construídos com base nos *fatos*, nos *documentos*, no processo tal como ele realmente se deu, doa a quem doer. Não são os *fatos* que devem servir aos esquemas teóricos. A servidão dos *fatos* corrompe a História.

Se o critério adotado para o “Renascimento” foi o surgimento do pensamento racional, então ele poderia muito bem ter como marco inicial o século XIII, e dentre os seus ícones, São Tomás de Aquino, tranqüilamente. Se o critério foi o rompimento com o religioso, a secularização, aí fica difícil chegarmos a um acordo. Quem rompeu com quem, ou se o Deus cristão foi substituído por um deus pagão, eis a questão.

Se foi o homem quem criou Deus, e não o contrário, também é verdade que não foi o Mercado quem criou o homem. Seja como for, se ainda não conseguimos viver sem a presença de um Deus, que seja então o Deus cristão. Mas como é o Mercado o adorado nestes tempos tão sombrios, nada melhor do que terminar citando Marx, anacronicamente pertinente: “*A religião é o ópio do povo*”.

Evandro de Oliveira Machado.
Em 23 de dezembro de 2007.

²⁹ “Cortar” tem mesmo o sentido de ferir alguma coisa. Aqui, a compreensão da História enquanto totalidade em movimento, enquanto *processo*.